

CCB

IL GIARDINO ARMONICO



CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE ANTÓNIO MEGA FERREIRA
VOGAL ANA ISABEL TRIGO MORAIS VOGAL MARGARIDA VEIGA

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO
ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUISA TAVEIRA
ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR
ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO
SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÊS
DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ
PRODUÇÃO PAULO BARBOSA | JOÃO OLIVEIRA
INÊS CORRÊIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO
DIRECTOR DE CENA \ COORDENADOR JONAS OMBERG
DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA
ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA
SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA
ESTAGIÁRIA TÂNIA AFONSO DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA
CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO
SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SÓFIA MATOS
TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS | LUÍS SANTOS | RAÚL SEGURO
TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO
CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA |
RICARDO MELO | RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROÇA
CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO
TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS
CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY
TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUÍS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

IL GIARDINO ARMONICO CELEBRA A MÚSICA DE HANDEL EM ANO DE EVOCAÇÃO

Neste seu regresso ao CCB, Il Giardino Armonico apresenta um programa que gira em torno dos *Concerti grossi* de Handel, que morreu há exactamente 250 anos, alargando-se à música italiana da época, de Geminiani a Sammartini.

Conduzida pelo milanês Giovanni Antonini e formada por jovens provenientes das melhores escolas europeias, a ousada orquestra Il Giardino Armonico encara a tradição musical italiana com jovialidade, alegria e modernidade. O seu objectivo é reavivar a música barroca com um entusiasmo renovado. O repertório incide principalmente nos séculos XVII e XVIII, e, dependendo das exigências do programa, a sua formação em palco pode ir de três a 35 músicos.

Consagrada internacionalmente, a orquestra italiana conta já com inúmeros prémios, como o Diapason d'Or, em 1995 e 1998, o Echo-Preis, em 1998, e o Gramophone Award, em 1996.

Desde Abril de 2007, Il Giardino Armonico é o ensemble barroco em residência no Centro Cultural Miguel Delibes em Valhadolid.

ATENÇÃO

TOSSIR DURANTE A EXECUÇÃO DE UMA OBRA MUSICAL PODE TORNAR-SE MUITO INCÓMODO PARA OS OUTROS ESPECTADORES E PERTURBADOR DA ACTUAÇÃO DOS MÚSICOS. PEDIMOS QUE, NA MEDIDA DO POSSÍVEL, SE ABSTENHA DE TOSSIR DURANTE A EXECUÇÃO DAS PEÇAS MUSICAIS.

11 JANEIRO 2009
GRANDE AUDITÓRIO < 21H < M/12
c/intervalo

IL GIARDINO ARMONICO

Giovanni Antonini DIRECÇÃO MUSICAL

PRIMEIROS VIOLINOS

Enrico Onofri | Stefano Barneschi
Fabrizio Haim Cipriani | Francesco Colletti
Judith Huber | Ayako Matsunaga

SEGUNDOS VIOLINOS

Marco Bianchi | Luca Braga
Elin Gabriellsson | Hedwig Raffaeiner
Monika Toth | Maria Cristina Vasi

VIOLA

Renato Burchese | Ewa Miribung
Liana Mosca

VIOLONCELO

Paolo Beschi | Elena Russo
Marcello Scandelli

CONTRABAIXO

Giancarlo De Frenza | Lutz Schumacher

ALAÚDE

Luca Pianca

CLAVICEMBALO*

Riccardo Doni

* CLAVICEMBALO: COPIA HISTÓRICA DE UM INSTRUMENTO ITALIANO OU ALEMÃO LA = 416 HZ

PROGRAMA

GEORG FRIEDRICH HANDEL (1685-1759)

Concerto grosso n.º 1, em Sol maior, op. 6 (HWV 319)
A TEMPO GIUSTO, ALLEGRO, ADAGIO, ALLEGRO, ALLEGRO

FRANCESCO SAVERIO GEMINIANI (1687-1762)

Concerto grosso n.º 12 em Ré menor, op. 5, *La Follia*

GEORG FRIEDRICH HANDEL

Concerto grosso n.º 12, em Si menor, op. 6 (HWV 330)
LARGO, ALLEGRO, LARGHETTO E PIANO, ADAGIO, ALLEGRO

Intervalo

GEORG FRIEDRICH HANDEL

Concerto grosso n.º 6, em Sol menor, op. 6 (HWV 324)
LARGHETTO E AFFETTUOSO, ALLEGRO MA NON TROPPO, MUSETTE, ALLEGRO, ALLEGRO

GIUSEPPE SAMMARTINI (1695-1750)

Concerto para Flauta de Bisel em Fá maior
ALLEGRO, SICILIANA, ALLEGRO ASSAI

GEORG FRIEDRICH HANDEL

Concerto grosso n.º 7, em Si bemol maior, op. 6 (HWV 325)
LARGO, ALLEGRO, LARGO E PIANO, ANDANTE, HORNPIPE

Notas ao programa

JOÃO PEDRO LOURO

Se as viagens da aristocracia formavam o gosto, o compositor e outros músicos italianos punham-no em prática ao mais alto nível.

GEORG FRIEDRICH HANDEL

(HALLE, 23 DE FEVEREIRO DE 1685 – LONDRES, 14 DE FEVEREIRO DE 1759)

Concerto grosso n.º 1, em Sol maior, op. 6 (HWV 319)
Concerto grosso n.º 12, em Si menor, op. 6 (HWV 330)
Concerto grosso n.º 6, em Sol menor, op. 6 (HWV 324)
Concerto grosso n.º 7, em Si bemol maior, op. 6 (HWV 325)

A disseminação dos músicos e da música italiana, entre 1600 e 1750, *grosso modo*, determinou a formação da complexa teia musical que se foi formando por toda a Europa. A Inglaterra não fugiu a esta regra associando à prática da música como disciplina artística, a dimensão de evento social do maior interesse. Para isto concorreram dois factores que tiveram uma enorme consequência na primeira metade do século XVIII: a presença de Handel em Londres, a partir de 1710, e o *Grand Tour*. Se as viagens da aristocracia formavam o gosto, o compositor e outros músicos italianos punham-no em prática ao mais alto nível.

O gosto musical italiano converteu-se, durante todo o período barroco, no paradigma a adoptar pelo público apreciador e pelos músicos da geografia europeia. O grande veículo para esta dinâmica era, naturalmente, a ópera. Para além de ser um espectáculo visual e sonoro, participava ainda do estrelato assumido pelos cantores, nomeadamente os *castrati*. O virtuosismo e a bizarria resultante do registo vocal formavam grande parte da estética musical barroca que atingiu o seu auge na época de Handel. Por outro lado a música instrumental era também largamente apreciada pelos viajantes que em Itália, sobretudo em Roma e Veneza, desde o final do século XVII eram surpreendidos pelo novo género do *concerto grosso*. A alternância entre a orquestra (*concerto grosso*) e os solistas (*concertino*) proporcionava um elemento de surpresa muito agradável quer no plano auditivo, quer no sonoro. Desde A. Stradella e principalmente a partir de A. Corelli, este género foi ganhando forma até se concretizar definitivamente em 1711 aquando da publicação em Amesterdão e posterior disseminação por toda a Europa e principalmente na Alemanha, dos concertos *L'Estro armonico* de A. Vivaldi. A geração de compositores alemães não tinha como escapar a esta tendência italianizante e nem mesmo J. S. Bach, não tendo escrito ópera, escapou. Não existe grande distinção entre as peças instrumentais inseridas nas óperas de Handel para aquelas concebidas como números independentes. Muitas das obras vocais incorporam andamentos de suites orquestrais ou de concertos.

Para além de compositor era também conhecido como um virtuoso, ainda que algo idiossincrático, e teórico.

As suas primeiras obras instrumentais são de 1707 (*Sonata a cinque*), mas a maturidade deste tipo de escrita apenas é atingida a partir de 1710 com os quatro concertos escritos nesta década e que farão parte, muito mais tarde, do conjunto publicado em 1734 sob a numeração op. 3. Foi, aliás, o primeiro conjunto de concertos de Handel a ser publicado. Os concertos op. 6 representam o auge da música instrumental de Handel quer seja pela energia dos seus andamentos, quer seja pela simetria da sua arquitectura. Foram escritos num curtíssimo espaço de tempo, entre 29 de Setembro e 30 de Outubro de 1739, e resultam directamente de razões económicas. No final da década de 1730 assiste-se a um verdadeiro declínio da *opera seria* o que significou a falência da companhia que o compositor dirigia. Este tinha sido, até aí, o género que lhe havia dado fama mas conhecia agora o seu fim obrigando-o a mudar os seus esforços, ainda que relutantemente, para a elaboração de oratórias. A música instrumental que se produzia então tinha como destino principal a inclusão em programas que consistiam essencialmente em música vocal conferindo-lhes diversidade. Não obstante, os *concerti* eram também executados em *performances* independentes, ainda que estas fossem em menor número e com menor impacto. Este período é marcado também pelos primeiros concertos produzidos por Handel sem qualquer tipo de encenação. Apesar do facto da *opera seria* ter saído de moda, o público inglês continuava a demonstrar um gosto musical algo antiquado e é isso mesmo que Handel, com todo o seu espírito de homem de negócios, procura satisfazer ao nível da sua música instrumental. As suas referências, neste campo, são por isso, Corelli e Geminiani que veiculavam a tradição romana do *concerto grosso* e que se reflecte sobretudo na estruturação em vários andamentos, ao contrário dos três que a escola veneziana praticava através de Vivaldi ou Albinoni. Apesar disto o estilo que se encontra nos op. 6 é bastante eclético: Desde a abertura francesa, passando pela fuga alemã e a sinfonia italiana. Esta colecção de doze *concerti grossi* foi pensada pelo compositor como um conjunto emulando o famoso op. 6 de Corelli. Para além do mesmo número de opus, mantêm a mesma instrumentação: um *concertino* de dois violinos e violoncelo e uma orquestra (*concerto grosso*) de cordas e baixo contínuo, sendo que Handel acrescentará mais tarde partes de oboé aos primeiro, segundo, quinto e sexto concertos. Pode-se dizer que cada concerto tem uma forma própria e que os seus múltiplos andamentos fazem convergir, de uma maneira geral, o estilo de aparato francês e a fluência italiana resultando, a par dos Concertos Brandeburgueses de Bach, como um *ex-libris* do concerto barroco.

FRANCESCO SAVERIO GEMINIANI

(LUCCA (?) 3 DE DEZEMBRO DE 1687 – DUBLIN, 17 DE SETEMBRO DE 1762)

Concerto grosso n.º 12 em Ré menor, op. 5, *La Follia*

Geminiani foi um dos músicos mais famosos em Inglaterra na primeira metade do século XVIII. A sua fama de violinista compara-se à de Farinelli e Senesino como cantores e é precisamente dentro da dinâmica de abastecimento de música italiana para Londres que podemos contextualizar estes nomes.

Antes de se mudar para Londres em 1714 assegurou uma carreira de assinalável sucesso em Nápoles tocando em teatros de ópera. Isto depois de ter estudado com A. Scarlatti e Corelli. O currículo que acumula permite-o chegar a Londres com alguma expectativa, principalmente por ter sido aluno de Corelli já que o prestígio deste compositor era enorme por toda a Europa e ainda mais no ano da sua morte. Logo aquando da sua primeira publicação em Londres, as Sonatas op. 1 em 1716, Geminiani teve a oportunidade de tocá-las perante o rei George I acompanhado ao cravo pelo próprio Handel. Entusiasmado, aproveita para dedicar a obra seguinte, um conjunto de *concerti grossi*, ao monarca, assegurando assim uma posição de destaque no meio musical inglês sem descurar a componente comercial: é que se tratavam de orquestrações das *sonate da chiesa* de Corelli. Se por um lado, o facto de não serem obras novas era, já de si, bastante original, por outro, isso claramente indicava um instinto para o negócio que caracterizava, de resto, os agentes do meio musical neste tempo. Na verdade, se do total de quarenta e sete *concerti grossi* que Geminiani compôs, exceptuarmos os arranjos que fez da música de Corelli, sobram-lhe vinte e três obras originais, ou seja, menos de metade. Para além de compositor era também conhecido como um virtuoso, ainda que algo idiossincrático, e teórico. Se ninguém negava a sua capacidade de solista, o problema surgia quando era acompanhado já que tinha bastantes problemas em manter um tempo certo durante as execuções. Isto motivou-lhe alguns dissabores como ter sido relegado, ainda durante o período que trabalhava nas orquestras de Roma, para tocar a viola de arco, ou seja, executando apenas as partes de acompanhamento. Isto, ainda assim, não lhe retirou pontos durante a sua permanência em Londres e depois em Dublin, a partir dos anos trinta. Como teórico é de assinalar o facto de ter assinado o primeiro tratado de violino alguma vez publicado, *Art of Playing the Violin* (Londres, 1751). Para além disso escreveu também *Art of Accompaniment* (1754) e *Art of Playing the Guitar* (1760).

O Concerto *La Follia* radica da sonata homónima e pertence ao segundo

conjunto de 6 *Concerti grossi... della seconda parte dell' op. 5* d'Arcangelo Corelli, tendo sido editado em 1729. Sobre o tema e as vinte e quatro variações que compõem a sonata, Corelli terá confidenciado a Geminiani o orgulho muito particular que sentia em tê-los escrito. Geminiani, por seu turno, arranja a obra de forma a concretizar uma das peças mais dinâmicas do barroco em termos de virtuosismo orquestral e fazendo-a identificar com um marco musical de grande importância, já que foi muito imitado. Principalmente, trata-se de uma homenagem de grande significado.

Estatisticamente, pode mesmo dizer-se que, entre 1776 e 1790, a sua música foi mais tocada em Inglaterra que a de qualquer outro compositor e que o Concerto para Flauta em Fá maior foi, sem dúvida, a sua obra mais conhecida.

GIUSEPPE SAMMARTINI

(MILÃO, 6 DE JANEIRO DE 1695 – LONDRES (?) 17 DE NOVEMBRO DE 1750)

Concerto para Flauta de Bisel em Fá maior

Giuseppe e o seu irmão Giovanni Battista foram dois músicos verdadeiramente importantes no segundo terço do século XVIII. Ambos tocavam e compunham de um modo que lhes conferiu uma grande fama para além do seu período de vida. Giovanni é mesmo considerado o pai da sinfonia com a consequência que se conhece, mais tarde no final do século, formando-se como um dos géneros mais importantes do classicismo. Giuseppe era sobretudo conhecido como músico prático e dos melhores oboístas que a Europa conheceu no seu tempo, para além de ser também um flautista bastante dotado.

Depois de ter estudado e feito carreira no norte de Itália, onde o gosto musical ia evoluindo a partir dos moldes barrocos para uma índole já pré-clássica, muda-se para Inglaterra onde passará o resto da vida. Aí conheceu um enorme sucesso, principalmente como virtuoso do oboé, tendo tocado nas orquestras de Handel e Bononcini, por exemplo, para além de ter acompanhado o famoso *castrato* Farinelli. Para além disso as suas

composições, cuja maioria obedece aos géneros instrumentais, então em voga, atingem também um elevado grau de difusão: são reeditadas várias vezes, mesmo depois da sua morte, e muitos dos seus Concertos e Aberturas continuarão a ser interpretados durante o século XIX, por exemplo, pela instituição Concerts of Ancient Music. Estatisticamente, pode mesmo dizer-se que, entre 1776 e 1790, a sua música foi mais tocada em Inglaterra que a de qualquer outro compositor e que o *Concerto para Flauta em Fá maior* foi, sem dúvida, a sua obra mais conhecida. Curiosamente, esta é uma peça que conhecemos hoje em dia apenas através de uma só fonte bastante escassa, de resto, em informação. Esta partitura, conservada em Estocolmo, apenas nos permite reconhecer um concerto para flauta de bisel não dando qualquer indicação relativamente à data da composição. O facto de destacar precisamente a flauta de bisel com toda a sua limitação como instrumento solista, prende-se com a popularidade que este tinha em Inglaterra. Era acessível o suficiente para que, num mercado forte de música doméstica, fosse tocado tanto por amadores, como profissionais. Para além disso, Sammartini optou por escrever a parte relativa ao solo, ou então por pedir ao copista que o fizesse, em Si bemol, de forma ao Concerto se apresentar de um modo passível de ser tocado por diferentes tipos de flautas como a *sopranino*, em Fá, ou a *discante*, em Dó. Embora com tamanhos e registos diferentes, estes instrumentos mantinham a mesma digitação o que obrigava a uma diferente afinação entre si. Para os intérpretes, consoante a flauta que escolhessem, bastava reescrever a parte do solo na tonalidade respectiva. Isto demonstra que a prática musical amadora inglesa era, de facto, muito forte o que levava os compositores a considerarem-na como um elemento estruturante para os processos de composição e de edição. J. Walsh, que viria a colaborar com Handel na publicação, por exemplo, dos Concertos op. 3 e de versões da música deste para flauta alemã, chega mesmo a editar uma transcrição para flauta dos doze *concerti grossi*, op. 6 de Corelli.

A música de Sammartini mantém características do barroco tardio mas com algumas diferenças que anunciam já o pré-classicismo. Assim, o Concerto para Flauta mantém o aproveitamento do material dos *ritornellos* para o solista e tem três andamentos, *Allegro*, *Siciliano* e *Allegro assai*, de acordo com a escola veneziana. Por outro lado apresenta já um tipo de ornamentação *galant*, figuras rítmicas sincopadas e uma textura mais próxima da melodia acompanhada do que propriamente participando de uma escrita contrapontística densa. Mesmo com este tipo de novidades, ainda que subtis, o musicógrafo da altura, Sir John Hawkins, não hesitou em comparar a música de Sammartini com a de Handel e Geminiani.



IL GIARDINO ARMONICO

Foi fundado em Milão em 1985 e inclui músicos das principais instituições musicais europeias, todos eles especializados na execução de instrumentos de época.

Il Giardino Armonico é convidado regularmente para festivais em todo o mundo, e já actuou nas mais importantes salas de concerto. Entre elas, podem contar-se o Concertgebouw em Amsterdão, a Wigmore Hall e o Barbican em Londres, as Musikverein e Konzerthaus em Viena, o Théâtre des Champs-Élysées e o Théâtre du Châtelet em Paris, a Tonhalle em Zurique, o Victoria Hall em Genebra, a Alte Oper em Frankfurt, a Staatsoper unter den Linden em Berlim, o Glinka Hall e a Filarmónica de São Petersburgo, o Teatro Bolshoi em Moscovo, a Konserthus em Oslo, o Palais des Beaux-Arts em Bruxelas, o Auditorio Nacional em Madrid, Oji Hall em Tóquio, a Library of Congress em Washington, o Carnegie Hall e o Lincoln Center em Nova Iorque, a Ópera de Sydney, a Disney Hall em Los Angeles e o Teatro Colón em Buenos Aires. Durante muitos anos, **Il Giardino Armonico** teve um contrato exclusivo com a TELDEC Classics efectuando numerosas gravações. As colectâneas de gravações de obras de Vivaldi – entre as quais *As Quatro Estações* – e de outros compositores do século XVIII, conheceram o aplauso generalizado por parte do público e da crítica, tendo recebido vários dos mais importantes prémios (Prémio Fondazione Cini de Venice, Prémio Caecilia na Bélgica, Diapason d’Or, Choc de la Musique, Grand Prix des Discophiles). Lançado sob o título *Il Proteo*, a sua gravação de vários dos concertos duplos e tripos para violoncelo e orquestra de Vivaldi, com Christophe Coin como convidado solista, recebeu um Gramophone Award em Outubro de 1996 e o Diapason d’Or. Os Concertos Brandeburgueses foram galardoados com o Echo-Preis de 1998 e um CD dedicado a obras de M. Locke e H.I.F. Biber ganhou o Diapason d’Or de 1999. Em 1999 surge o aclamado *Vivaldi Album* com Cecilia Bartoli para a Decca, galardoado com um Grammy Award. No Outono de 2000, o CD *Viaggio Musicale* de música italiana do século XVII foi lançado e em 2001 o CD *Musica Barocca*. Ambos foram distinguidos com o prémio francês 10 de Répertoire. Em Dezembro de 2002, a Teldec dedicou ao ensemble um CD da sua série *Artist Portraits*. Em 2005 foram lançados dois CD: *La Casa del Diavolo* (obras de Boccherini, Locatelli, Gluck, C. P. E. e W. F. Bach) com a editora francesa Naïve, e o CD *Violin Concert* de Vivaldi com Viktoria Mullova para a etiqueta inglesa Onyx, que ganhou um

Diapason d’Or. O último CD *Concerti per Violoncello* de Vivaldi com Christophe Coin foi lançado pela Naïve na Primavera de 2007, e o segundo volume com este repertório é lançado em 2008.

Il Giardino Armonico tem recebido os maiores aplausos pelos seus concertos e produções de ópera, entre as quais *Orfeo* de Monteverdi, *Agrippina*, *Il Trionfo del Tempo del Disinganno*, *La Resurrezione* e *Acì, Galatea e Polifemo* e *La serva padrona* de Pergolesi. O ensemble actua regularmente com solistas tão aclamados como Cecilia Bartoli, Katia e Marielle Labèque, Sara Mingardo, Bernarda Fink, Lynne Dawson, Christoph Prégardien, Magdalena Kožená, Viktoria Mullova, Christophe Coin e Giuliano Carmignola. **Desde Abril de 2007, Il Giardino Armonico é o Grupo Barroco Residente do Centro Cultural Miguel Delibes em Valladolid**, onde irá gravar para a L’Oiseau-Lyre/Decca. O ensemble persistirá na sua abordagem inovadora, com celebrações da música de Handel e Haydn, em comemoração do ano de aniversário partilhado por ambos os compositores (2009), incluindo a cantata *Pianto di Maria*, com a *mezzo-soprano* Bernarda Fink.



GIOVANNI ANTONINI

Nasceu em Milão. Estudou na Escola Cívica de Música da sua cidade natal e no Centro de Música Antiga de Génova. É membro fundador do ensemble barroco **Il Giardino Armonico**, que tem dirigido desde 1989 e com o qual tem actuado como maestro e como solista em flautas de bisel e transversal na Europa, Estados Unidos, Canadá, América do Sul, Austrália, Japão e Malásia. Em Janeiro de 2009, dirigirá *Fra Diavolo* de Auber na Ópera Cómica de Paris, com **Il Giardino Armonico**. Colabora, entre outros, com os artistas Cecilia Bartoli, Christophe Coin, Katia e Marielle Labèque, Viktoria Mullova e Giuliano Carmignola. Recebeu o Grammy Award 2000 na categoria de maestro do CD *Vivaldi Album*, gravado em conjunto com Cecilia Bartoli para a Decca, editora com quem esta formação começa a gravar em 2008. Para além dos muitos compromissos com **Il Giardino Armonico**, Giovanni Antonini é muitas vezes convidado para dirigir outras orquestras, como Camerata Academica de Salzburgo, Scottish Chamber Orchestra, Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, Orchestra of the Age of Enlightenment, Orquestra de Castilla y León, Orquestra Sinfónica de Tenerife, Orquestra Sinfónica da Galiza, Orquestra Nacional de Madrid, Gewandhaus em Leipzig, entre outras. Em Janeiro de 2004 e em Dezembro de 2005, a convite de Simon Rattle, Giovanni Antonini dirigiu a Berliner Philharmoniker (tocando também como solista) em peças dos períodos barroco e clássico. O *Berliner Zeitung* elogiou a sua interpretação, qualificando-a como “simplesmente honesta”. Em Outubro de 2006 conduziu *Ascanio in Alba* de Mozart no Teatro La Scala de Milão, onde regressa em 2008 e 2009 para dirigir *As Bodas de Figaro* de Mozart e *Alcina* de Handel. Em conjunto com **Il Giardino Armonico**, gravou para a Teldec vários CD de obras instrumentais dedicados a Vivaldi (entre as quais *As Quatro Estações*), a outros compositores italianos do século XVIII, a J. S. Bach (*Concertos Brandeburgueses*), a H.I.F. Biber e M. Locke. Estas gravações foram galardoadas com o Diapason d’Or, Echo Preis, Gramophone Award, entre outros prémios.



CONCERTOS À CONVERSA

Classicismo – Romantismo
A busca do singular universal
DUOCENTENÁRIO DA MORTE
DE JOSEPH HAYDN
E DO NASCIMENTO
DE FELIX MENDELSSOHN

1 FEV.

**CANTO E
LITERATURA**

CONVERSA COM MANUELA TOSCANO

8 FEV.

**PIANO E TRIO
COM PIANO**

CONVERSA COM ANÍSIO FRANCO

22 FEV.

**TRIO COM PIANO E
QUARTETO DE CORDAS**

CONVERSA COM PAULA FERREIRA DE CASTRO

Se é verdade que a música não carece de explicações para ser apreciada, também é verdade que a fruição de uma obra musical pode ser muito enriquecida se se tiver o privilégio de assistir a um concerto sentado ao lado de um conhecedor.

O CCB inicia assim esta primeira série de *Concertos à Conversa*.

Cinco momentos dedicados a Haydn e Mendelssohn, entre Fevereiro e Março, sempre aos Domingos, às 11h, para que possa vir em família.

SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO
DOMINGOS ÀS 11H
M/6 ANOS

PREÇO: 5€ (DESCONTOS EM CADA
UM DOS CONCERTOS, NA COMPRA
DE 4 BILHETES OFERECEMOS O 4º)

WWW.CCB.PT

CARTÃO AMIGO CCB